

A AURORA

O Arauto da Presença de Cristo



A Aurora

Maio de 2026

ÍNDICE

O ARTIGO PRINCIPAL.....	2
A RESPOSTA À PERGUNTA DE JÓ.....	2
OS ESTUDOS BÍBLICOS.....	19
A COMPAIXÃO DESLOCADA DE JONAS	19
ADVERTÊNCIA CONTRA A OCIOSIDADE	22
GENEROSIDADE CRISTÃ	25
A OBSERVÂNCIA CORRETA DO SÁBADO	28
INCENTIVANDO-NOS UNS AOS OUTROS	31
VIDA CRISTÃ E DOCTRINA.....	34
A JORNADA DE ISRAEL ATÉ O MAR VERMELHO	34

Acompanhe na sua Bíblia!

A resposta à pergunta de Jó

“Se um homem morrer, voltará a viver?”

Jó 14:14

Nenhum assunto é de interesse mais universal do que o contido nessa pergunta comovente feita por Jó. Em circunstâncias normais, ninguém quer morrer, mas todos percebem que, sobre a previsão da humanidade, a morte aguarda cada ser humano. Assim, a pergunta no coração de todos e nos lábios de muitos é sobre a existência da vida após a morte.

No decorrer do tempo, as pessoas, doloridas pela morte de seus entes queridos e certos sobre o seu próprio colapso final diante do grande inimigo, a morte, criaram todo tipo de filosofias para acalmar seus medos e negar a realidade do que é tão tragicamente real. Elas adotaram a crença de que a morte não é o que parece ser; que é um meio pelo qual os humanos entram em outro reino de vida, mais sublime, ou, em alguns casos, em uma condição de tormento eterno.

Onde estão os mortos? O que acontece quando alguém morre? Os mortos estão mais vivos do que os vivos? Há milhares de anos atrás, o homem justo Jó proferiu as palavras citadas no nosso versículo inicial: “Se um homem morrer, ele viverá novamente?” Aqui, o profeta de Deus falou em nome de bilhões de pessoas que lamentaram a perda de seus entes queridos e que, assim como toda a humanidade, temiam a chegada da morte certa.

Jó tinha um interesse pessoal e essencial na resposta à sua pergunta, pois acabara de pedir a Deus para deixá-lo morrer. (Jó 14:13). Jó não estava cansado de viver, mas estava exausto por causa do sofrimento a ponto de se perguntar se a vida nessas condições valia a pena. Tiago escreveu: “Vocês ouviram falar da paciência de Jó.” (Tiago 5:11). Jó precisava de paciência, pois Deus havia permitido que graves calamidades se abatessem sobre ele. Seus rebanhos, suas manadas e sua família foram todos destruídos. Ele perdeu a saúde e foi acometido por uma repugnante doença de pele que cobria todo o seu corpo. Por fim, sua esposa se voltou contra ele e disse: “Amaldiçoa a Deus e morre.” Jó 2:9

Jó, no entanto, não tinha a intenção de maldizer a Deus. Ele confiava em Deus, mesmo sem entender por que lhe foi permitido sofrer tanto. Compreensivelmente, ele buscou o alívio do sofrimento, se fosse essa a vontade de Deus, e assim orou: “Oh, se tu me escondesses na sepultura, se me mantivesses em segredo, até que a tua ira passasse, se me designasses um tempo determinado e te lembrasses de mim!” Jó 14:13

Depois de fazer o seu pedido a Deus para que o deixasse morrer, Jó ponderou sobre o que estaria envolvido se Deus respondesse à sua oração e permitisse que ele entrasse na morte. Assim, ele perguntou, nas palavras do nosso texto inicial: “Se um homem morrer, ele viverá novamente?” Jó questionou a partir do ponto de vista da sua própria experiência e sentimentos. No entanto, como profeta de Deus, suas palavras são divinamente inspiradas; por isso, sabemos que ele formulou a

pergunta sobre a vida após a morte de uma maneira que está de acordo com a verdade da Palavra de Deus sobre o assunto.

É importante observar que Jó não perguntou: “Se um homem morrer, ele estará mais vivo do que nunca?” Ele não perguntou: “Se um homem morrer, isso significa que ele foi para o céu ou para um lugar de tormento?” Jó sabia que quando alguém morre, ele está morto; portanto, a pergunta que ele fez foi: “Ele viverá novamente?” Assim, devemos prestar atenção para a grande verdade fundamental da Bíblia de que alude que a vida após a morte depende da restauração dos mortos à vida. Há esperança de vida após a morte, não porque não haja morte, mas porque Deus prometeu usar seu poder poderoso para trazer os mortos de volta à vida. Jó acreditava que, se lhe fosse permitido morrer para escapar de mais sofrimento, Deus mais tarde o restauraria à vida. Ele disse: “Todos os dias do meu tempo determinado esperarei [na morte], até que chegue a minha mudança [da morte para a vida]. Tu me chamarás, e eu te responderei; terás desejo pela obra das tuas mãos.” Jó 14:14,15

A esperança da ressurreição

Jó tinha essa esperança da ressurreição, que é apresentada tão evidentemente e de modo tão reconfortante no Novo Testamento. O apóstolo Paulo escreveu: “Visto que a morte veio por meio de um homem, também a ressurreição dos mortos veio por meio de um homem.” (1 Coríntios 15:21). Neste texto, o “homem” perfeito, Adão, transgrediu a lei divina e acarretou a pena de morte sobre si mesmo e a sua descendência. O “homem” perfeito, Jesus, tomou o lugar do pecador na morte e, assim,

possibilitou a libertação da raça adâmica da morte através da ressurreição. É isso que Paulo quis dizer quando escreveu: “O salário do pecado é a morte; mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por meio de Cristo, nosso Senhor.” Romanos 6:23

Por que a confusão?

A origem da grande parte da confusão sobre a vida após a morte faz alusão ao Jardim do Éden. Deus disse a Adão: “Não comas da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois, se dela comeres, certamente morrerás.” (Gênesis 2:17). Mais tarde, Satanás, falando através da serpente, perguntou para a Eva sobre isso, dizendo: “Deus disse que vocês não devem comer de nenhuma árvore do jardim?” Eva confirmou o que Deus havia dito, incluindo a sua afirmação de que a morte seria a punição pela desobediência. Gênesis 3:1-3

Então Satanás, respondendo a Eva, disse: “Certamente não morrerás” (Gênesis 3:4). Essa foi uma negação daquilo que o Criador havia dito. Na verdade, Satanás acusou a Deus de mentir ao falar que a morte seria a punição pela desobediência. Possivelmente, Satanás acreditava que, de alguma forma, poderia frustrar o propósito divino de infligir a pena de morte ao homem. Neste caso, ele logo descobriu que seriam fúteis os esforços para fazê-lo, pois a humanidade começou a morrer.

No entanto, Satanás não admitiu que estava errado. Ao invés disso, começou, através de agentes humanos, a espalhar a mentira de que a morte não é o que parece ser, de que a morte não existe. Conforme conseguiu induzir as pessoas a acreditar nisso, ele estaria provando que proferiu a verdade

quando afirmou para Eva: “Certamente não morrerás”; somente irá aparentar que tu morreu, e quando pareceres estar morta, estarás mais viva do que nunca.

Jesus disse a respeito de Satanás: “Ele é mentiroso e pai da mentira.” (João 8:44). Em outras palavras, Satanás foi o pai da primeira mentira, e essa foi a mentira mais devastadora e de maior alcance que já foi contada. Essa falsidade, originária do Jardim do Éden, corrompeu a Verdade sobre a morte nas mentes das pessoas de todas as nações e religiões; enquanto a Verdade, conforme expressa por Deus na declaração: “Certamente morrerás”, tem sido acreditada por relativamente poucos.

A Falsidade da “Entidade Separada”

É evidente para todos que o corpo humano morre e retorna para os elementos. Satanás sabia que não conseguiria enganar as pessoas sobre isso. Portanto, ele começou a espalhar a noção de que havia algo no organismo humano que é separado do corpo, uma entidade que escapa do corpo quando este morre e continua a viver. Nos círculos cristãos professos, esse algo indefinível é designado como a “alma imortal”.

Os antigos egípcios defendiam essa visão. Mais tarde, ela foi adotada por filósofos gregos e romanos. Depois do adormecimento dos apóstolos sobre a morte, ela foi introduzida na igreja cristã por filósofos pagãos. Embora descrita de várias maneiras, essa teoria de que existe algo dentro do homem que não pode morrer, e conseqüentemente, de que não havia a morte, tem sido a crença comum

da maioria dos religiosos, tanto cristãos quanto não cristãos.

A Bíblia indica que tal pensamento era predominante entre muitos, mesmo nos dias do rei Salomão, e vemos que ele combate esse erro com a Verdade. Ele escreveu: “O que acontece aos filhos dos homens acontece às bestas; uma única coisa lhes acontece: assim como um morre, assim morre o outro; sim, todos têm um único sopro; de modo que o homem não tem preeminência sobre a besta; pois tudo é vaidade. Todos vão para um mesmo lugar; todos são do pó, e todos voltam a ser pó. Quem sabe [quem pode provar] se o espírito do homem sobe, e se o espírito da besta desce à terra?” Eclesiastes 3:19-21

Com que clareza Salomão afirma a Verdade de Deus, declarando que na morte o homem e a besta são iguais, que todos têm um único sopro, ou “o *espírito*”, como a mesma palavra hebraica é traduzida em Eclesiastes 3:21. Depois de expor assim a Verdade, ele pergunta: “Quem sabe [pode provar o contrário]?” Ele evidentemente sabia que as nações pagãs vizinhas acreditavam na mentira de Satanás de que não havia morte, de que, apesar da morte do corpo, há um “*espírito*” que vai “se eleva” e continua a viver. No entanto, Salomão mostra que isso não é verdade. Ele diz, ao contrário, que na morte, o homem e os animais são iguais. A preeminência do homem está no fato de que Deus prometeu restaurar os humanos mortos à vida na ressurreição, mas não prometeu fazer isso pelos animais inferiores.

“Alma imortal” não é bíblica

A expressão “alma imortal” não aparece em nenhum lugar na Bíblia, não é ensinado nem mesmo nas Escrituras ou remotamente, de que uma entidade separada habita dentro do corpo humano e foge para viver em outro lugar quando o corpo morre. O primeiro uso da palavra “alma” na Bíblia está em Gênesis 2:7. Neste versículo, é dito para nós que Deus criou o homem do “pó da terra e soprou nas suas narinas o fôlego da vida; e o homem se tornou uma alma vivente”.

É válido observar que o versículo diz que o homem “se tornou” uma alma vivente, não que ele “tem” uma alma. Uma “alma viva” é simplesmente um ser vivo, ou uma criatura viva, que, como este texto revela, resulta da união do fôlego de vida com o organismo, ou corpo. O corpo não é a alma. O fôlego da vida não é a alma. É por meio do poder divino, que o fôlego dá vida ao corpo que a combinação dos dois resulta em uma “alma viva”.

Salomão disse que o homem e as bestas todos têm o mesmo sopro, e ele estava certo. A respeito dos seres humanos e dos animais inferiores destruídos no Dilúvio, lemos: “Morreu toda a carne que se movia sobre a terra, tanto das aves, como do gado, e das bestas, e de todo o réptil que rasteja sobre a terra, e de todo o homem: tudo em cujas narinas havia o sopro da vida, de tudo o que estava na terra seca, morreu.” Gênesis 7:21,22

Já que os animais vivem através do mesmo “sopro de vida” que concede a vida ao homem, os animais também são “almas vivas”. Esta verdade importante é oculta ao leitor casual da Bíblia devido à

inconsistência da tradução. Por exemplo, Gênesis 1:24 diz: “Deus disse: Produza a terra seres vivos segundo a sua espécie: gado, répteis e bestas da terra, segundo a sua espécie; e assim foi.” Nesse texto, a expressão “ser vivo” é uma tradução letra por letra das mesmas palavras hebraicas que são traduzidas como “alma viva” em Gênesis 2:7, onde a referência é feita a Adão — com as palavras “ser” e “alma” ambas traduções da palavra hebraica “nephesh”. Como os tradutores se empenharam em definir uma diferença entre o homem e os animais, o que as Escrituras não justificam, eles usaram a palavra “criatura” sendo que a referência era feita aos animais inferiores e “a alma” já que o texto se referia ao homem. Não é de se admirar que Salomão tenha escrito: “Assim como um morre, assim morre o outro.”

O pensamento correto é claramente expresso por Salomão ao descrever o que acontece quando um homem morre, ao dizer: “Então o pó voltará à terra, como era, e o espírito voltará a Deus, que o deu.” (Eclesiastes 12:7). A verdade simples apresentada neste texto é confundida na mente de muitos por um equívoco e e da palavra “*espírito*”. Ela traduz a palavra hebraica “*ruach*”, que significa simplesmente “sopro” ou, como neste caso, o poder invisível da vida.

Este texto não sugere, nem remotamente, que, quando um homem morre, há uma entidade consciente que sai do seu corpo e é elevada a Deus no céu. A palavra “*retornar*”, usada no texto acima, exclui a possibilidade de tal interpretação. O corpo retorna ao pó porque veio do pó. Se o “*espírito*” fosse uma entidade separada que retornasse a

Deus, isso significaria que ele anteriormente habitava com Deus e foi autorizado a vir à Terra temporariamente para habitar um corpo humano. Quão irracional seria tal conclusão!

No entanto, até que ponto, a definição de morte dada por Salomão é coerente com os fatos apresentados na Bíblia sobre a alma viva ou do ser humano? Quando o corpo e o fôlego retornam às suas fontes originais, a alma viva, ou o ser, deixa de existir. Ela morreu, e a morte é a punição pelo pecado. Ezequiel 18:4 declara em palavras simples: “A alma que pecar, essa morrerá.”

A morte referida como “sono”

Como Deus prometeu restaurar a vida daqueles que estavam mortos, a Bíblia se refere às pessoas que morreram como estando adormecidos. Essa verdade importante é destacada na Bíblia fazendo alusão a Jesus na sua referência à morte de Lázaro, irmão de Marta e Maria. Ele disse aos seus discípulos: “Nosso amigo Lázaro está dormindo.” Os discípulos pensaram que Jesus se referia ao sono natural, então ele lhes disse claramente: “Lázaro está morto.” João 11:11-14

Aqui, Jesus expôs um dos ensinamentos básicos sobre a Palavra de Deus. Lázaro estava morto, mas também estava “adormecido”. Quando Deus disse a Adão que a desobediência resultaria em morte — “Certamente morrerás” —, Ele se referia à extinção da vida. Essa extinção da vida teria sido permanente, não fosse pelo fato de que Deus ainda amava suas criaturas humanas e providenciou redenção para elas por meio da oferta de seu amado

Filho para ser o redentor e Salvador da humanidade da morte. João 3:16,17; 1 Timóteo 2:3-6

Jesus deu a sua “carne”, a sua humanidade, como “o resgate [grego: preço correspondente] por todos”, “pela vida do mundo” (João 6:51). A desobediência do homem perfeito, Adão, causou o pecado e a morte para todos os seus descendentes. A justiça de Deus exigia “vida por vida” — a morte do homem perfeito Jesus — para compensar a desobediência e a pena de morte imposta a Adão. A morte de Jesus proporcionou o “resgate”, ou preço correspondente, para Adão. Consequentemente, foi Jesus que “pela graça de Deus provaria a morte por todos os homens” (Êxodo 21:23; Romanos 5:12-19; Hebreus 2:9). Assim, foi providenciado o pagamento da pena, a sentença de morte, que foi imposta contra Adão e sua raça. Embora todos tenham continuado a morrer, por causa da redenção providenciada por meio de Cristo Jesus, haverá um despertar dos mortos. Portanto, a Bíblia usa o termo “sono” para descrever a sua ausência de vida neste intervalo.

Aqueles que estão adormecidos estão inconscientes sobre o mundo externo, assim como aqueles que estão mortos. Eles não veem nada, não ouvem nada, não sabem de nada. A Bíblia diz: “Os vivos sabem que morrerão, mas os mortos não sabem de nada.” (Eclesiastes 9:5). Aqueles que estão adormecidos podem ser despertados; assim, aqueles que estão “adormecidos” na morte podem ser, e serão, despertados. Como Jesus disse a respeito de Lázaro: “Vou para despertá-lo do sono.” (João 11:11). Todos os que estão adormecidos na morte serão, pelo poder divino, despertados na manhã do novo dia da Terra. É por isso que lemos:

“O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã.” Salmo 30:5

Marta Consolada

Jesus e a pequena família de Betânia — Maria, Marta e Lázaro — eram amigos especiais. Quando Lázaro adoeceu, Jesus e seus discípulos estavam a alguma distância de Betânia. As irmãs enviaram uma mensagem a Jesus a respeito da doença de Lázaro, mas ele não foi até elas imediatamente. Ele esperou dois dias. Jesus então anunciou que Lázaro havia morrido e estava dormindo, e que ele iria “despertá-lo do sono”. João 11:1-15

Marta saiu ao encontro de Jesus quando ele se aproximava da sua casa. Reprendendo-o gentilmente, ela disse: “Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido” (João 11:21). Marta estava de coração partido, e essa foi uma excelente oportunidade para que Jesus a consolasse, e foi o que ele fez. Quais foram as palavras tranquilizadoras de consolo que o mestre dirigiu a Marta neste seu momento de grande necessidade? Jesus disse a ela, como costuma-se dizer em circunstâncias semelhantes: “Marta, o seu irmão não está realmente morto, ele apenas se desfez de sua casca exterior, seu corpo”? Ele disse que o verdadeiro Lázaro estava mais vivo do que nunca? Jesus disse a Marta que muito provavelmente a “alma” de Lázaro estava pairando nas proximidades? Ele disse: “Marta, a morte não existe”?

Jesus não disse nada disso. Ele já havia dito aos seus discípulos: “Lázaro está morto”, e não iria contradizer essa verdade agora dizendo para a

Marta que o seu irmão estava mais vivo do que nunca. O que ele disse para consolar a Marta estava de acordo com o testemunho de toda a Palavra de Deus. Sabendo que Lázaro estava realmente morto, ele disse para a Marta: “O seu irmão viverá novamente.” João 11:23

A Marta não estava certa do que exatamente significavam estas palavras. Ela sabia que Jesus havia despertado outras pessoas do sono da morte, e ela havia dito a Jesus: “Tudo o que pedires a Deus, Deus te concederá”, mas não tinha certeza de que Jesus pediria a Deus, naquele momento, para despertar seu irmão do sono da morte. Ela respondeu: “Eu sei que ele viverá novamente na ressurreição no último dia.” João 11:22,24

Marta sabia claramente que haveria uma ressurreição geral de todos os mortos e que, então, Lázaro seria desperto do sono da morte. Ela conhecia as promessas registradas no Antigo Testamento e prestou atenção reverente e crente aos ensinamentos de Jesus; por isso, sabia que havia uma gloriosa esperança de ressurreição para toda a humanidade. Marta também compreendia que a ressurreição geral ocorreria no “último dia”. O último dia não é o “dia do juízo final”, como muitos supõem. A palavra “dia”, neste caso, se refere a um período, um tempo no grande plano de Deus para a redenção e salvação da humanidade do pecado e da morte.

Há vários períodos de tempo, ou eras, no plano de salvação de Deus, tanto antes quanto depois da Primeira Vinda de Cristo. Estas têm sido eras preparatórias nas quais Deus selecionou e preparou aqueles que cooperariam com Jesus no período

final do arranjo divino, a era do reino justo de Deus, sob o governo de Cristo. (Jeremias 23:5; Mateus 6:10). É então que o plano de Deus alcançará sua consumação no despertar dos mortos e na restauração da vida à perfeição para todos os que, nessa ocasião, crerem e obedecerem às leis do reino de Cristo.

Marta sabia que esta era final, ou último dia, no plano de Deus, e que seu irmão, e todos os que haviam morrido, seriam então despertados do sono da morte. No entanto, Marta não sabia se era isso que Jesus queria dizer quando afirmou: “Seu irmão viverá novamente”, nem Jesus explicou a ela diretamente quais eram suas intenções imediatas. Em vez disso, ele respondeu: “Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá.” (João 11:25,26). Ao se identificar como “a ressurreição e a vida”, Jesus mostrou que era ele quem despertaria todos os mortos no último dia. Então, durante o reino, ele dará vida eterna a todos os que se tornarem obedientes aos princípios de Deus e que, naquele momento, tiverem acreditado nele de todo o coração.

Depois de tranquilizar a Marta quanto ao despertar da humanidade na ressurreição, Jesus perguntou a ela: “Você acredita nisso?” Marta respondeu: “Sim, Senhor: eu acredito que você é o Cristo, o Filho de Deus.” (João 11:26, 27). Marta compreendeu, e corretamente, que o Cristo, ou Messias prometido, seria enviado ao mundo para salvar a humanidade da morte, e que isso seria realizado através do despertar de todos aqueles que dormem na morte.

Ela acreditava que em Jesus estava “a ressurreição e a vida”.

Lázaro Desperto

Depois que Marta confessou a sua fé em Jesus como o Messias e na sua capacidade de restauração dos mortos a vida, ela voltou para casa e pediu a Maria que fosse com ela ao encontro de Jesus e Maria fez o que foi pedido para ela. O coração de Jesus foi tocado por essa cena de tristeza e grande perda e, junto com os outros, ele também chorou. Então, pediu que lhe mostrassem o túmulo onde Lázaro estava enterrado. João 11:28-35

De pé junto ao túmulo, Jesus pediu que a pedra na frente da entrada fosse removida. Então Marta protestou. Antes disso, ela havia confessado a sua fé de que Jesus poderia ressuscitar o seu irmão, mas agora ela duvidava e disse a Jesus: “Senhor, a esta altura ele já está em decomposição, pois está morto há quatro dias.” (João 11:39). Para Jesus, isso não importava. Ele estava prestes a demonstrar, através de Lázaro, o que acabaria por ser realizado pelo poder divino para todos os que morreram; e onde o poder divino funciona, não faz diferença se uma pessoa está morta há quatro dias ou há milhares de anos; a vida pode ser restaurada. Aquele que, como instrumento de Deus, criou a vida em primeiro lugar, é plenamente capaz de restaurá-la.

Diante do túmulo aberto, e após uma oração apropriada, Jesus clamou em alta voz: “Lázaro, vem para fora.” (João 11:43). É interessante notar o que o relato não indica. A respeito de Lázaro, não foi dito

que ele foi para o céu e retornou. Lázaro não havia ido para o céu. Não diz que ele foi para um abismo de tortura e eterna e foi liberto do tormento. Não há abismo de tortura eterna.

O relato afirma que, quando Jesus clamou: “Lázaro, saia... aquele que estava morto saiu.” Lázaro, “aquele que estava morto”, havia sido despertado do sono da morte. Liberto de suas vestes mortuárias, Lázaro se misturou e se reuniu com a sua família e amigos, como havia feito antes. Restaurado à vida, ele não era nem um fantasma nem um espectro. Era o mesmo Lázaro de antes. Ele estava feliz por estar vivo novamente, e a sua família estava feliz por tê-lo de volta.

“Não vos maravilheis”

Numa ocasião anterior, ao falar da ressurreição dos mortos, Jesus disse: “Não vos maravilheis disso, pois está chegando a hora em que todos os que estão nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que fizeram o bem, para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição do juízo.” (João 5:28, 29). Aqui temos a certeza de que, assim como Lázaro foi chamado para sair do túmulo, todos os mortos serão chamados para sair dos seus quando ocorrer a ressurreição geral.

Observamos que Jesus aqui também fala de duas classes gerais na ressurreição — aqueles que praticaram o bem e aqueles que praticaram o mal ou deixaram de praticar o bem. Aqueles que praticaram o bem são referidos no versículo 24 como os “crentes” da era atual. Estes não serão submetidos ao julgamento futuro, pois passaram com sucesso pela prova na vida presente. Tendo feito o “bem” ao

crer e seguir fielmente os passos de Jesus, eles se mostraram dignos de serem ressuscitados da morte para uma ressurreição da “vida”. Deste modo, aqueles que não se mostraram dignos são despertados da morte e submetidos ao julgamento, pois o seu despertar irá ocorrer durante o dia do julgamento de mil anos do mundo. Atos 17:31; 2 Pedro 3:8; Apocalipse 20:6

A palavra grega traduzida como “julgamento” em João 5:29 é “*krisis*”. Todos aqueles que agora não se mostrarem dignos da vida irão enfrentar uma crise quando despertarem do sono da morte. Eles serão, obviamente, então plenamente esclarecidos sobre as questões circundantes. Será dada a eles a oportunidade, de acordo com o pleno entendimento, da aceitação da provisão de vida feita para eles através de Cristo e da sua obediência às leis do seu reino justo, que então estará no controle dos assuntos de toda a humanidade. Se aceitarem e obedecerem, serão restaurados à perfeição da vida humana e viverão para sempre. Essa será a sua ressurreição completa. Se não aceitarem e não obedecerem, serão devolvidos à morte. Sobre esse tempo, Pedro disse que aqueles que não obedecerem “serão completamente eliminados” do meio do povo. Atos 3:23

Os crentes da era atual, que se mostraram dignos de viver e reinar com Cristo, surgirão na ressurreição para “glória, honra e a imortalidade”. (Romanos 2:7). A imortalidade é, portanto, vista não como uma qualidade inerente ao homem, mas como uma recompensa gloriosa oferecida àqueles que estão dispostos a sofrer e morrer com Jesus para que possam viver com ele. Como co-herdeiros com

Jesus em seu reino, estes também serão co-juízes com ele durante aquele período de julgamento. 1 Coríntios 6:2; Apocalipses 3:21; 5:10

Que feliz consumação do plano de Deus será esta! O reinado do pecado e da morte, que foi provocado pela transgressão de Adão no Éden, não está destinado a continuar assim para sempre. Todos os que morreram durante este longo período de pranto serão despertados e irão receber uma oportunidade individual de obedecer às leis de Deus e viver para sempre sobre a terra.

Essa é uma esperança gloriosa para a humanidade, e o profeta de Deus, Davi, a apresenta de forma simbólica e belíssima. Citamos: “Dizei entre as nações: O Senhor reina. O mundo está firmemente estabelecido; não pode ser abalado; ele julgará os povos com equidade. Alegrem-se os céus, regozijem-se a terra; ressoe o mar e tudo o que nele há. Que os campos se regozijem, e tudo o que neles há; que todas as árvores da floresta cantem de alegria. ... Ele vem para julgar a terra. Ele julgará o mundo com justiça e os povos com sua fidelidade.” (Salmo 96:10-13). De fato, há vida após a morte, porque, pelo poder divino, os mortos serão restaurados à vida. Esta é a grande esperança que nos é oferecida na Palavra de Deus.

OS ESTUDOS BÍBLICOS

Lição Um

A Compaixão Deslocada de Jonas

***Versículos-chave: “Então o Senhor disse: ‘Tu te preocupaste com esta planta, embora não a tenhas cultivado nem feito crescer. Ela brotou da noite para o dia e morreu da noite para o dia. E eu não deveria me preocupar com a grande cidade de Nínive?
Jonas 4:10,11***

***Passagens selecionadas:
Jonas 3:1-5; 4:1-11***

Nínive era a capital do império assírio, um dos inimigos de Israel (2 Reis 19:36). Deus havia instruído o profeta Jonas a anunciar aos ninivitas que, em decorrência da sua maldade, Ele os destruiria em quarenta dias. Depois de ouvir a declaração de Jonas, o rei promulgou um decreto, determinando que “nem homem nem besta” deveria “comer nem beber água” e que todos deveriam “clamar intensamente a Deus”. Então “eles se converteram de seus maus caminhos; e Deus se compadeceu e não trouxe sobre eles a destruição que havia ameaçado”. Jonas 1:2; 3:1-10

No entanto, isso “desagradou profundamente a Jonas, que ficou muito irado”. Jonas disse a Deus: “Eu sabia que tu és um Deus clemente e misericordioso, lento para irar-se e de grande bondade, um Deus que se arrepende de enviar a

calamidade. Agora, Senhor, tira a minha vida, pois é melhor para mim morrer do que viver. Então o Senhor respondeu: “É justo que te ires?” Jonas 4:1

Talvez Jonas tivesse em mente a crueldade com que os assírios haviam tratado o seu próprio povo por várias gerações. Talvez ele estivesse ansioso em ver a execução do julgamento e o extermínio desta nação. (Isaías, capítulo 36). Profundamente decepcionado, o profeta deixou a cidade. Ele sentou-se em uma encosta próxima, à sombra de uma cabana que havia construído, para “ver o que seria da cidade”. Jonas 4:5

Então “Deus preparou uma abóbora... para que servisse de sombra” sobre Jonas, e o profeta “ficou muito contente”. No entanto, na manhã seguinte, um verme, que Deus também havia preparado, destruiu a abóbora. Quando o sol nasceu, ele “batia na cabeça de Jonas, de modo que ele... desejou em seu íntimo morrer”. Jonas 4:6-8

Deus disse a Jonas: “Fazer o bem te desagrada por causa da abóbora?” “Tiveste piedade da abóbora, pela qual não trabalhaste, nem a alimentaste, que era fruto de uma noite e pereceu em uma noite; e eu não teria piedade de Nínive?” (Jonas 4:9-11). A expressão “filho da noite” era usada para se referir a algo de natureza “transitória”. O Senhor estava apontando o grande contraste entre a preocupação e a piedade de Jonas por uma planta, em comparação com o povo de Nínive.

O desejo de Jonas de vingança contra os assírios, em decorrência dos erros que haviam cometido no passado, o cegou para o fato de que, agora, eles se arrependiam diante de Deus. Deus viu as obras dos

ninivitas, que “aboliram os seus maus caminhos”, mudando a sua vida e conduta. Foi isso que levou o Senhor a ceder.

Jesus confirmou a veracidade desse relato no livro de Jonas e como os ninivitas se arrependeram verdadeiramente . (Lucas 11:29-32). Os versículos 31 e 32 desta passagem provam que todos os mortos, incluindo os ninivitas, serão ressuscitados durante o reino futuro na terra. Naquele momento, o julgamento daqueles que criticaram e perseguiram a Jesus durante a sua Primeira Vinda será menos favorável do que o julgamento a ser aplicado àqueles que nunca viram ou ouviram a pregação e os milagres de Jesus. Uma lição para nós: há responsabilidade pelo conhecimento que recebemos. Lucas 12:48

Advertência contra a ociosidade

Versículo-chave: *“Eu vos mostrei todas as coisas, como, trabalhando assim, deveis sustentar os fracos e lembrar-vos das palavras do Senhor Jesus, como ele disse: É mais abençoado dar do que receber.”*
Atos 20:35

Passagens selecionadas:
Atos 20:33-35; 2 Tessalonicenses 3:6-12

O apóstolo Paulo havia chegado a Mileto, um porto marítimo, perto do término da sua terceira viagem missionária. Enquanto esperava a partida do navio, ele enviou uma mensagem aos anciãos da cidade vizinha de Éfeso, perguntando se eles poderiam encontrá-lo. Seria a última vez que Paulo os veria.

Após a chegada dos anciãos, Paulo disse “o tipo de vida que levei entre vocês o tempo todo, servindo ao Senhor com toda a humildade, com lágrimas e em meio a provações”. Ele afirmou: “Nunca me esquivei [...] de ensiná-los em público e em suas casas, e de exortar tanto judeus quanto gregos à necessidade de se converterem a Deus e crerem em Jesus, nosso Senhor”. Atos 20:18-21

Paulo exortou os anciãos: “Cuidem de si mesmos e de todo o rebanho” e “ajam como pastores da Igreja de Deus”. (Atos 20:28). Aqui Paulo destaca como os anciãos tinham uma dupla responsabilidade, tanto para consigo mesmos quanto para com os irmãos, sobre os quais o Senhor os havia constituído

subpastores. “Cuidem”, isto é, tenham cuidado e examinem não apenas o que fazem, mas também examinem suas motivações.

Então Paulo lhes lembrou: “Não cobicei a prata, o ouro ou as vestes de ninguém. Vocês mesmos sabem que estas minhas mãos têm provido para as minhas próprias necessidades e para as das pessoas que estão comigo.” (Atos 20:33,34). Paulo era “fabricante de tendas” de profissão e testemunhou que trabalhava “dia e noite, para não sermos um fardo para nenhum de vocês”, a fim de prover para si mesmo as necessidades da vida, enquanto pregava e ensinava o evangelho aos outros. Atos 18:3, 1 Tessalonicenses 2:9; 2 Tessalonicenses 3:8; 1 Coríntios 4:12

Citando nosso Versículo-chave com uma tradução diferente, Paulo concluiu: “Em tudo vos dei o exemplo, mostrando-vos que, trabalhando como eu trabalho, deveis ajudar os fracos e ter em mente as palavras de Jesus, como Ele mesmo disse: É mais abençoado dar do que receber.” Há oportunidades abundantes para cada um de nós ser generoso para com os outros, mesmo que não tenhamos dinheiro para dar. Expressões de simpatia, incentivo ou simplesmente um olhar de carinho, às vezes valem mais para alguém que está desanimado do que um punhado de ouro.

Ser um “doador” significa pensar mais nos outros e em suas necessidades, e menos em si mesmo. Ser “ocioso” é o oposto de ser um doador e é uma forma de egoísmo, que pode levar à fraqueza espiritual. (1 Timóteo 5:13). Paulo falou com ousadia contra os irmãos que praticam a ociosidade, afirmando: “Se alguém não quer trabalhar, também não coma”, e

admoestando “que trabalhem com tranquilidade e comam o próprio pão”. 2 Tessalonicenses 3:7-12

Um elemento importante de uma vida cristã feliz é desenvolver a arte de dar, “com o coração”, aos outros. “Pois Deus ama quem dá com alegria.” (Êxodo 25:2; 2 Coríntios 9:7). Ao fazê-lo, nos tornamos mais semelhantes a Deus, pois Deus é o maior doador. “Ele deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna... para que o mundo fosse salvo por meio dele.” Tiago 1:17; João 3:16,17

Generosidade cristã

Versículo-chave: “Quando estiveres colhendo no campo e deixares passar um feixe, não voltes para buscá-lo. Deixa-o para o estrangeiro, o órfão ou a viúva, para que o Senhor, teu Deus, abençoe tudo o que emprenderes.”
Deuteronômio 24:19

Passagem selecionada:
Deuteronômio 24:14-22

O livro de Deuteronômio registra a mensagem final que foi transmitida por Moisés aos israelitas pouco antes de sua morte. O objetivo desta mensagem era levá-los a lembrar e implementar as instruções que Deus havia dado à sua nação no passado. Uma destas instruções está registrada no nosso versículo-chave. Uma explicação para esta exigência é encontrada no versículo anterior. “Lembre-se de observar isso, pois vocês foram escravos no Egito, e o Senhor, seu Deus, os redimiou de lá. É por isso que estou ordenando que façam isso.” Deuteronômio 24:18

Os israelitas não deveriam ignorar aqueles que estavam desamparados e necessitados. Ao invés disto, deveriam permitir que colhessem, para o seu próprio uso, o que tivesse sido deixado para trás nos campos. A razão para esta instrução era que eles também haviam estado indefesos e necessitados quando eram escravos no Egito. A lição é a consideração pelos outros. Esse é um aspecto da semelhança com Deus, pois o próprio Deus aplicou

esse princípio, pois em seu plano ele considerou a raça humana que estava pobre e indefesa.

Quando o humano perfeito, Adão, desobedeceu voluntariamente à instrução de Deus no Jardim do Éden, a pena imposta foi a morte, que, por sua vez, foi herdada por cada geração humana sucessiva a partir de então. (Gênesis 2:16, 17). Como todos os humanos nasceram em pecado e imperfeitos, ninguém poderia “de modo algum ser o redentor de seu irmão, nem dar a Deus o resgate por ele”. Salmo 49:7; 51:5

Somente uma vida humana sem pecado e perfeita poderia satisfazer a justiça de Deus — uma vida humana perfeita, Jesus, pela desobediência da vida humana perfeita de Adão. (Êxodo 21:23; Romanos 5:12,19). Deus redimiu cada membro da humanidade enviando seu Filho unigênito ao mundo como um homem perfeito, que então voluntariamente deu sua vida “como o resgate por todos”, satisfazendo assim a justiça de Deus. João 3:16,17; 1 Timóteo 2:5,6; 1 Pedro 3:18

Assim como Deus libertou a nação de Israel da escravidão do jugo egípcio, assim também libertou os seguidores de passos de Cristo da escravidão do pecado e da morte. (João 8:35,36; 1 Coríntios 15:22). Devemos sempre nos lembrar disto; devemos demonstrar amor e misericórdia para aqueles que ainda não ouviram o evangelho ou que ainda não acreditam nele.

Há momentos em que encontramos pessoas que, embora não sejam religiosas de forma alguma estão passando por experiências difíceis na vida, como uma doença ou a morte de um ente querido.

(Romanos 8:22). Devemos considerá-las como o “estrangeiro, o órfão ou a viúva” nesta instrução que Deus deu a Israel. Essas pessoas podem não ter tido a oportunidade de ouvir ou acreditar na Palavra de Deus, ou sua mente pode estar cega para ela.

Devemos ter amor e compaixão por elas. Se possível, devemos também compartilhar com elas algumas “sementes” da Verdade. Assim, podemos lhes dar a base bíblica para ter fé na ressurreição para todos e nas maravilhosas bênçãos do reino que em breve virão sobre toda a terra. (1 Coríntios 15:21,22; Apocalipses 21:1-5). Eles podem aceitar as boas novas agora, ou podemos estar plantando sementes de verdade e esperança, que brotarão em seus corações no reino de Cristo.

A Observância Correta do Sábado

Versículos-chave: “Ele lhes disse: O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado; portanto, o Filho do homem é Senhor também do sábado.”

Marcos 2:27,28

Passagem selecionada:

Marcos 2:23-28

O quarto mandamento que Deus deu a Israel foi: “Lembre-se do sábado, para santificá-lo. ... Nele não farás nenhum trabalho.” (Êxodo 20:8-11). Deus explicou o significado do mandamento, afirmando: “É um sinal entre mim e vós, por todas as vossas gerações; para que saibais que eu sou o Senhor que vos santifica.” Êxodo 31:13,14

Através do profeta Isaías, Deus revelou um significado mais profundo desse mandamento, explicando: “Se chamarem o sábado de deleite e o dia santo do Senhor de honroso; e se o honrarem, não seguindo os seus próprios caminhos, nem buscando o seu próprio prazer, nem proferindo meras palavras vãs, então se deleitarão no Senhor.” Isaías 58:13,14

O propósito desse único dia de descanso por semana não era meramente o repouso físico, mas, mais importantemente, deveria ser, conforme explicado pelo profeta Isaías, um dia para meditar sobre Deus e honrá-lo com deleite. Nenhum mandamento foi dado por Jesus ou pelos apóstolos

à igreja a respeito do dia de sábado. Como escreveu Paulo: “Vocês não estão sob a lei, mas sob a graça.” Romanos 6:14,15

No entanto, na época da Primeira Vinda de Jesus, muitos líderes religiosos judeus haviam se tornado formalistas, dando maior ênfase aos mandamentos literais do que ao seu significado mais profundo. Nesta lição, os fariseus acusaram os discípulos de Jesus de violar o sábado, porque, ao passarem por um campo de cereais e por estarem com fome, eles esfregaram alguns grãos nas mãos para comê-los. Lucas 6:1,2

Jesus não violou o mandamento do sábado nem ensinou os outros judeus a fazê-lo. Ele era judeu e estava obrigado a observar o sábado. No entanto, ele se opôs a interpretações errôneas e sem sentido dos mandamentos de Deus. Consequentemente, Jesus explicou nesta lição que “o sábado foi feito para o homem”.

A palavra “sábado” significa descanso. Em outro lugar, Paulo escreveu: “Nós, os que cremos, entramos no descanso” (Hebreus 4:3). É um descanso de fé e confiança no Senhor, e não o descanso físico literal dos judeus. O apóstolo continua: “Resta, portanto, um descanso para o povo de Deus. Pois aquele que entrou no seu descanso, também cessou das suas próprias obras, assim como Deus cessou das suas. Esforcemo-nos, pois, para entrar nesse descanso, para que ninguém caia seguindo o mesmo exemplo de incredulidade.” Hebreus 4:9-11

À primeira vista, parece inconsistente “nos esforçarmos” para que possamos “entrar no modo

de descanso”. No entanto, há uma verdade importante nesta exortação. Este descanso é aquele que praticamos ao fazer um esforço diário para desenvolver a fé completa em Deus e a dependência Dele. É um descanso de plena confiança nas promessas de Deus, baseado no conhecimento, na confiança e na obediência. Por causa do nosso relacionamento com Deus através do Seu Filho, Jesus Cristo, nosso Senhor, encontraremos a força espiritual neste descanso.

Este descanso será proporcional à nossa fé em Deus e em todas as suas promessas. Para os seguidores do Senhor, portanto, todos os dias devem ser um sábado ou dia de descanso, no sentido adicional de refletir e honrar com alegria o Senhor em todos os nossos pensamentos, palavras e ações.

Incentivando-nos uns aos outros

***Versículo-chave: “Consideremo-nos uns aos outros para nos estimularmos ao amor e às boas obras.”
Hebreus 10:24***

***Passagem bíblica selecionada:
Hebreus 10:22-25***

Normalmente, a palavra “estimular” é usada para descrever o ato de incitar à raiva ou a má vontade. No entanto, no nosso versículo-chave, o apóstolo usa esta palavra para descrever um incentivo ao bem, um estímulo ao crescimento cristão no amor e nas boas obras. Outra tradução dessa frase é “motivar uns aos outros”.

A motivação mútua ao amor e às boas obras é o verdadeiro objetivo e propósito dos seguidores do Senhor quando se reúnem. Todos nós precisamos da ajuda e do incentivo que provêm da comunhão com aqueles que compartilham a mesma fé preciosa. O apóstolo também enfatiza que a comunhão com os irmãos se torna cada vez mais essencial à medida que “vemos o dia se aproximando”. Hebreus 10:25

Para nos encorajarmos mutuamente de maneira adequada ao amor e às boas obras, o apóstolo ressalta que devemos primeiro “considerar-nos uns aos outros”. Isso implica que precisamos desenvolver uma compaixão sincera pelos outros, levando em conta suas provações, dificuldades e

fraquezas. Há um belo equilíbrio espiritual descrito nesta exortação para “motivarmos uns aos outros” ao amor e às boas obras. Nem o amor nem o zelo pelas boas obras são independentes um do outro. O verdadeiro amor cristão não pode existir a menos que se manifeste em boas obras. Da mesma forma, não podem existir obras tidas como boas aos olhos do Senhor, a menos que sejam fruto ou manifestação do verdadeiro amor cristão.

As boas obras são descritas em outro lugar pelo apóstolo Paulo como um “trabalho de amor”. (1 Tessalonicenses 1:3). Isso mostra que o verdadeiro amor “trabalha”, ou age. Este tipo de amor não é meramente uma disposição bondosa, sem quaisquer obras de amor, supondo que isso seja suficiente para agradar a Deus. O amor que deve preencher e controlar a nossa vida cristã é o amor de Deus, o amor possuído e exemplificado pelo nosso Pai Celestial na sua atitude para com a raça caída. Deus amou tanto a nossa raça humana caída que deu aquilo que lhe custou mais do que qualquer outra coisa que pudesse ter dado: seu Filho unigênito e amado, Jesus. (João 3:16). Em Jesus, temos um exemplo da combinação perfeita entre o verdadeiro amor e as boas obras. Não podemos, é claro, realizar todas as obras que nosso Salvador fez, mas podemos nos esforçar para desenvolver o espírito que nos levará a fazer tudo o que for possível.

A palavra grega “*koinonia*”, traduzida no Novo Testamento como “*comunhão*”, significa “*parceria*”. (Gálatas 2:9; Filipenses 1:5; 1 João 1:6,7). A comunhão cristã é mais do que somente se reunir para discutir crenças comuns. O desejo de nos

encontrarmos uns com os outros deve ser motivado pela compreensão de que fomos chamados por Deus para sermos seus colaboradores em seu grande plano para a iluminação e salvação do mundo da humanidade amaldiçoado pelo pecado. 2 Coríntios 5:17-21; 6:1

Paulo destaca a obra na qual fomos convidados a participar, explicando: “Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo... e nos confiou a palavra da reconciliação. Agora, , somos embaixadores de Cristo.” (2 Coríntios 5:19,20). Isso significa que, se formos fiéis até a morte, participaremos com Cristo, nosso Cabeça, na grande obra de reconciliar o mundo perdido da humanidade com Deus. Essa é a obra comum na qual todo seguidor de passos do Mestre é um parceiro. “Provocar” ou “motivar” uns aos outros para a prática da fidelidade sobre esta causa deve ser um objetivo primordial quando nos reunimos.

A Jornada de Israel até o Mar Vermelho

“Ora, essas coisas lhes aconteceram como exemplo; e foram escritas para nossa admoestação, sobre quem os fins dos séculos chegaram.”

1 Coríntios 10:11

Após a morte dos primogênitos do Egito e a passagem dos primogênitos de Israel, o Faraó decidiu deixar que os israelitas partirem. (Êxodo 12:29-32). Na manhã seguinte à agitada noite da Páscoa, eles se reuniram em Ramessés para iniciar a sua jornada rumo a Canaã, a terra que Deus havia prometido a Abraão. (Gênesis 15:18-21; Êxodo 3:8). Na nossa passagem bíblica inicial, o apóstolo Paulo diz que as coisas que aconteceram aos israelitas foram descritas como exemplos, ou “tipos”, para o nosso aprendizado. Como cristãos, podemos extrair lições sobre o modo como Deus lidou com este povo antigo, o que deve nos ajudar a evitar os erros que foram cometidos por eles e a exercer uma fé maior na providência de Deus sobre nós do que foi exercida por eles.

Ramsés, de onde os israelitas iniciaram sua jornada, era uma das “cidades-tesouro” construídas para o Faraó por esse povo escravizado. (Êxodo 1:11; 12:37). Ramsés era também o título do Faraó, o Opressor, e torna-se um nome muito apropriado para a cidade de onde os israelitas iniciariam sua jornada rumo à terra prometida de Canaã. Os

egípcios eram adoradores do sol. Seu deus do sol era “Rá”. Não é surpreendente que esse Faraó tenha assumido para si o título de Ramsés, que significa “filho do sol”. Sabemos, no entanto, do ponto de vista da Verdade, que Ramsés não era, na verdade, um portador de luz nem para o Egito nem para os israelitas. Foi ele quem escravizou tanto os filhos de Israel que eles clamaram por libertação. O Deus deles, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, ouviu-os e os libertou. Êxodo 2:23-25; 3:7-10

Há uma correspondência interessante sobre isso em relação ao modo como Deus lida com os cristãos atualmente — isto é, os israelitas espirituais. (Romanos 8:14; Hebreus 3:5,6; 1 Pedro 2:5,9,10). Nós também, por assim dizer, temos um Faraó que nos oprime. Ele é Satanás, originalmente chamado Lúcifer, que significa “portador da luz”. Assim como o Faraó de outrora, ele está longe de ser uma verdadeira luz. No entanto, por meio de seus diversos métodos enganosos, ele tem se apresentado como um “anjo de luz”. (2 Coríntios 11:14). É verdade que, sob a direção de Satanás, o povo que professa que segue a Deus foi levado a construir cidades de tesouros — grandes sistemas eclesiásticos que se disfarçaram como verdadeiras cidades de Deus. Observamos, no entanto, que o Egito não representa meramente os grandes sistemas eclesiásticos, assim como suas cidades-tesouro não constituíam todo o Egito. O Egito representa mais particularmente o mundo ou reino das trevas e da morte no qual, em um momento ou outro, todos os israelitas espirituais de Deus foram escravizados. Romanos 8:21-23; Gálatas 4:1-7

Não havia nada que os escravizados de Israel pudessem fazer sobre a sua própria libertação. A libertação do Egito foi feita por Deus. É Deus também, através da sua providência soberana e do sangue derramado de Jesus, o Cordeiro pascal maior, que realiza nossa libertação, nossa redenção. (João 1:29; 1 Coríntios 5:7). É bom observar, a esse respeito, que embora o sangue aspergido do cordeiro pascal tenha resultado na libertação de Israel do Egito, isso não necessariamente os levou à terra prometida. Assim como ocorreu com os israelitas espirituais de hoje. Deus nos libertou através do sangue de Jesus, mas a fidelidade contínua às condições do nosso chamado é necessária para que possamos finalmente entrar na Canaã celestial.

A fé contínua no Deus que os havia libertado com o sangue da Páscoa era a única garantia que os israelitas tinham de entrar finalmente na terra prometida. Esse exercício de fé, ao aspergir o sangue do cordeiro pascal sobre os lintéis e as batentes das portas, foi considerado por Deus como uma manifestação da sua obediência. (Êxodo 12:22,23). A falha em continuar a exercer este mesmo grau de fé foi tida por Deus como uma manifestação da sua desobediência. Deus lembrou-se de que eles não passavam de pó e continuou a suportá-los por um longo período de tempo. (Salmo 103:14; Romanos, capítulo 11). No entanto, a persistência deles em duvidar e esquecer Deus fez com que Ele finalmente desistisse de lutar por eles. Em decorrência desta falha em permanecer fiéis e obedientes, Ele os fez voltar, não para o Egito, mas para o deserto, para morrer. (Números 14:22,23). Lembremo-nos bem das palavras do nosso texto

inicial, no qual Paulo nos diz que o que aconteceu a Israel aconteceu a eles como forma de exemplo. Que o exemplo de descrença e desobediência deles seja um aviso para nos ajudar a caminhar com mais fidelidade e “dignamente da vocação” para a qual fomos chamados. Efésios 4:1

Não devemos subestimar a Deus, nem considerar as coisas que Ele fez por nós como algo comum e banal. Não devemos presumir que, somente porque Ele uma vez agiu em nosso favor enquanto ainda estávamos submergidos nos nossos pecados, concedendo-nos a libertação por meio do sangue derramado de Jesus Cristo, Ele continuará a agir a nosso favor sem que demonstremos qualquer sinal de uma gratidão e fé cada vez mais superlativa. É através da nossa fé e obediência a Deus que demonstramos a nossa gratidão pelo que Ele já fez por nós. Sem dúvida, é isso que o apóstolo quer dizer quando afirma: “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11:6). Não é razoável supor que Deus continuará a derramar as suas “bênçãos espirituais” sobre nós se não as usarmos como meio de fortalecer nossa fé nele e aumentar nosso zelo por ele e por sua causa. Efésios 1:3

“Sem Cidade Permanente”

Todos os israelitas estavam prontos para a sua partida para a terra prometida, prontos para aceitar a libertação que Deus lhes oferecia. Assim, reuniram-se em Rameses e, de lá, partiram para Sucote. (Números 33:5). O nome Sucote significa “*tendas*” e é um bom lembrete do fato de que sua jornada rumo a Canaã, embora lhes proporcionasse liberdade e libertação da servidão no Egito, era, por outro lado, um chamado para que renunciassem a

diversas conveniências e necessidades que as suas casas no Egito, sem dúvida, lhes proporcionavam.

Os israelitas não desfrutariam mais da proteção de casas e telhados sobre suas cabeças. A partir de então, deveriam viver em tendas até chegarem à terra prometida. Há nisso uma lição para os israelitas espirituais que iniciaram a sua jornada de peregrinação rumo à Canaã celestial e do descanso. Não pode haver “cidade permanente” que lhes ofereça proteção contra as dificuldades do caminho enquanto viajam atualmente. (Hebreus 13:14). Como filhos espirituais de nosso Pai Celestial, viajando em direção à terra espiritual da promessa, não buscamos fontes materiais para nossa proteção. Em vez disso, cada um de nós habita em moradias temporárias e humildes sobre as quais Deus vigia, e temos a certeza de que ele não dorme nem cochila. (Salmo 121:3,4). As suas preciosas promessas de graça e proteção para todos os momentos de necessidade fornecem um dossel abençoado entre nós e as tempestades e provações ardentes que, de outra forma, nos oprimiriam. Hebreus 4:16

Os israelitas viajavam sob o dossel de uma nuvem providenciada por Deus. (Êxodo 13:21,22). Isso pode muito bem nos lembrar da infinitude da graça de Deus com a qual estamos rodeados e de que “para aqueles que amam a Deus, isto é, para aqueles que são chamados de acordo com o seu propósito, todas as coisas contribuem para o bem”. (Romanos 8:14-17,28). Essa graça não deve ser impedida nem prejudicada. Nenhuma nuvem de origem terrena deve se interpor entre nós e nosso Deus. Devemos ter a capacidade de sempre olhar

para o manto da sua graça e amor e, assim, perceber um senso cada vez maior da sua misericórdia e cuidado. Devemos lembrar, no entanto, que o amor e a graça de Deus em relação a nós nem sempre se manifesta meramente nas experiências agradáveis da vida. As provações e os sofrimentos que o Senhor permite que nos sobrevenham são igualmente manifestações de seu amor. Precisamos destas experiências também para nos fortalecermos nele “e no poder da sua força”. Efésios 6:10

Tomemos como ilustração duas plantas da mesma espécie. Que uma seja cultivada no porão, onde a luz e o ar fresco são excluídos; e que a outra seja cultivada em um jardim aberto. Após algumas semanas, observe a diferença entre as duas plantas. Uma estará saudável e forte, a outra fraca e frágil. A planta no porão está protegida do vento e da chuva, mas é justamente essa proteção que a impede de crescer forte e resistente. Por outro lado, a planta que cresce ao ar livre torna-se forte na sua luta contra os elementos, sendo auxiliada pelo alimento fornecido pelo brilho do sol e pela umidade vitalizante da chuva. Sob este grande dossel do céu, a planta prospera em decorrência de todos os elementos e fatores variados que contribuem para o seu desenvolvimento e força.

Os verdadeiros israelitas espirituais têm experiências que abrangem todas as fases da graça de Deus, pelas quais crescem em Cristo. Essa exposição é o que realmente converte o cristão em um ser fiel forte. É o vento adverso que sopra sobre uma árvore que a faz tornar-se cada vez mais forte, à medida que ela cria raízes cada vez mais

profundas na terra. No entanto, deve-se ter em mente a luz do sol é que é o meio vital do seu sustento e vida, proporcionando-lhe assim a capacidade de resistência às tempestades. Nós também nos fortalecemos através da nossa resistência às tempestades da vida, mas é com a luz do sol da graça de Deus que recebemos o incentivo e a capacidade de sermos fiéis, mesmo até a morte.

O zelo com que os israelitas iniciaram a sua jornada pelo deserto não perdurou. Nisso temos uma ilustração muito vívida do que pode ocorrer em nossas próprias experiências individuais se não formos cuidadosamente vigilantes. Existe a possibilidade, e até mesmo o perigo, de perdermos nosso “primeiro amor”. (Apocalipses 2:4). De acordo com Números 33:6-8, os israelitas pareciam inicialmente ter se deslocado em direção ao leste, mas de repente foram orientados a virar para o sul. O mais natural para eles teria sido continuar indo para o leste, pois assim teriam chegado aos pequenos riachos situados ao norte do Mar Vermelho, que certamente seriam muito mais fáceis de atravessar e mais diretamente alinhados com Canaã, seu destino.

O percurso dos israelitas parece ter sido inconsistente, pois, em vez de aumentar a distância entre eles e o domínio do Faraó, eles a estavam encurtando. Não apenas isso, mas estavam aumentando a barreira entre eles e a terra prometida. No entanto, a explicação é que essa mudança foi orientada por Deus. O relato diz: “E o Senhor ia adiante deles... para lhes mostrar o caminho.” Êxodo 13:21

Seguindo a orientação de Deus

Para os israelitas espirituais, há várias ocasiões em que Deus nos orienta, não em caminhos de progresso segundo a carne, mas na direção exatamente oposta, para que a demonstração da graça e do poder de Deus seja ainda maior. Não devemos escolher o nosso próprio caminho, mas devemos sempre permitir que Deus dirija nossa trajetória, mesmo que, às vezes, esse caminho pareça extremamente perigoso. “Há um caminho que parece certo ao homem, mas o seu fim” não é a libertação plena e completa pela qual esperamos. Provérbios 14:12

Se formos permitidos a escolher o nosso próprio caminho, estaríamos inclinados a seguir as nossas tendências e preferências naturais. O caminho da carne é geralmente seguir a linha de menor resistência. No entanto, dessa forma Deus não pode ser glorificado, nem nossa fé pode ser devidamente demonstrada. É fácil, portanto, ter fé enquanto podemos ver a margem mais distante, mas quando a neblina se instala, impedindo a nossa visão natural, é neste momento que se faz necessário exercer forte fé em Deus.

Para aprofundar esta ilustração, ao viajar de barco em um dia claro e ensolarado, pode-se dar pouca importância à habilidade e competência do piloto. No entanto, quando uma névoa densa se instala e os pontos de referência antigos e familiares não estão mais visíveis, é então que damos valor ao piloto e a sua capacidade de nos levar com segurança ao porto desejado. Nestas circunstâncias, não há nada que possa ser feito, a não ser depositar a total confiança no piloto. Nossa

inquietação, nervosismo, receios, dúvidas e ansiedade não ajudariam em nada. Devemos permanecer firmes na fé, enquanto o piloto nos conduz através da tempestade.

Quão verdadeiro é esta afirmação na nossa jornada espiritual! Há momentos em que, na providência de Deus, não podemos fazer nada para nos livrarmos de uma situação difícil. Nestes momentos, não há nada que possamos fazer a não ser depositar a nossa confiança inteiramente em Deus, percebendo que é Ele quem é capaz de nos conduzir até o fim. (Salmo 34:19; 2 Coríntios 1:9,10). É então que as nossas situações extremas se tornam oportunidades de Deus.

Deus conduziu os israelitas por uma situação extrema para que tivessem a oportunidade de “ficar quietos” e ver a sua salvação. (Êxodo 14:13). Ele mudou o curso deles e os levou até Pi-Hahiroth. Esse era realmente um lugar onde, segundo a carne, seus corações desfaleceriam de desânimo. Em vez de encontrarem a libertação completa do Egito, viram-se em uma situação aparentemente pior do que quando iniciaram a jornada. Será que então se lembraram do Deus que já havia feito tanto por eles? Não. Murmuraram e choraram. Viram apenas o Mar Vermelho na sua frente e os egípcios atrás deles. Não viram caminho de fuga porque negligenciaram colocar sua confiança em Deus. Êxodo 14:10-12

Talvez nós também, assim como israelitas espirituais, tenhamos chegado ao fim das nossas forças e visto, à nossa frente e atrás de nós, o que parecem ser obstáculos intransponíveis. O Senhor pode nos conduzir, por assim dizer, ao Mar Vermelho, onde todos os meios visíveis de fuga

parecem estar bloqueados. Nesses momentos, será que tememos e trememos diante da aparente desgraça iminente? Não deveríamos, pois é aqui que Deus tem a grande oportunidade de nos libertar. É através destas experiências que aprendemos a lição tão necessária de que a libertação não vem de nós mesmos, mas de Deus. É nestas horas que Ele nos diz, como fez ao antigo Israel por meio de Seu servo Moisés: “Não temais, ficai quietos e vede a salvação do Senhor.” Êxodo 14:13

É nestes momentos que Deus, se permitirmos a Ele, se torna nossa torre de refúgio, nossa torre de força. Literalmente falando, quão bom é quando nos perdemos na floresta e não sabemos mais o caminho de volta, e de repente avistamos uma torre familiar, marcando um ponto que, se conseguirmos alcançá-lo, significará segurança para nós. Deus é exatamente essa torre de força e libertação, trazendo-nos salvação em nossos momentos de maior necessidade. (Salmo 61:1-3; Provérbios 18:10). Sem Ele, estaríamos irremediavelmente perdidos no deserto do desespero.

O relato nos diz que Deus conduziu os israelitas a Pi-Hahiroth, “entre Migdol e o mar”. (Êxodo 14:2; Números 33:7). Migdol significa “torre”. Observem qual a importância disso! Foi aqui que Deus se revelou aos israelitas como uma torre de refúgio. Ele instruiu a Moisés sobre o que deveria ser feito naquelas circunstâncias. A obediência a estas instruções trouxe libertação através do próprio mar que, pouco tempo antes, se apresentara como uma barreira quase intransponível para a fuga deles. A nuvem que ia à frente deles passou a posicionar-se na retaguarda do acampamento, tornando-se uma

coluna de escuridão para os egípcios e uma coluna de luz para os israelitas, impedindo que os egípcios os atacassem durante toda a noite (Êxodo 14:19-22). Pela manhã, o Mar Vermelho havia se aberto, e eles passaram por ele em segurança.

Os israelitas espirituais frequentemente passam por experiências permitidas por Deus, pelas quais sua fé é testada. Isso nos ajuda a aprender a lição: “Pois é pela graça que vocês foram salvos, por meio da fé — e isso não vem de vocês mesmos, é dom de Deus — não por obras, para que ninguém se glorie.” (Efésios 2:8,9). É de suma importância que percebamos que não é através da nossa própria força que alcançamos a libertação. É muito necessário que, às vezes, “fiquemos quietos” e vejamos a salvação de Deus. Isso não significa uma atitude apática ou desinteressada, mas sim uma confiança serena nele. É uma confiança oriunda da fé, de que maior é aquele que está a nosso favor do que todos aqueles que estão contra nós. (Romanos 8:31; 1 João 4:4). Ao colocarmos deste modo a nossa confiança em Deus e cooperarmos com ele enquanto ele dirige os nossos caminhos, a vitória e a libertação estão asseguradas.

Ter plena fé em Deus significa que confiaremos nele em todas as circunstâncias. Confiaremos nele quando ele disser para ficarmos quietos e confiaremos e obedeceremos quando ele nos instruir a seguir em frente. Não agir quando o Senhor nos dá ordens de marcha indica a falta de fé, tanto para não ficar quieto quando ele nos pede para fazê-lo. No entanto, seja ficando quietos ou seguindo em frente por seu comando, os nossos corações devem estar sempre em repouso, pois já

agora descansamos na compreensão de sua obra consumada. É somente assim que podemos entrar no descanso que nos é proporcionado pela fé em Cristo Jesus. (Hebreus 4:9-11). Todo o nosso trabalho para o Senhor e todo o nosso progresso no caminho estreito devem estar fundamentados e harmonizados com esse repouso tranquilo e confiante nele e nas suas promessas. Estas nos dão a certeza de que, aconteça o que acontecer, todas as coisas contribuem para o nosso bem. (Romanos 8:28). Assim, antecipando o fim do caminho e a Canaã do descanso que ali será encontrada, podemos, mesmo agora, em meio às lutas e dificuldades do caminho, dar graças a Deus, que “nos dá a vitória por meio de nosso Senhor Jesus Cristo”. 1 Coríntios 15:57